3 - Mundo da Vida práxis e percepção

Don Ihde
Maurício Fernando Bozatski (transl.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BOZATSKI, M.F., transl. IHDE, D. Mundo da Vida: práxis e percepção. In: *Tecnologia e o mundo da vida: do jardim à terra* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2017, pp. 55-67. ISBN: 978-85-64905-61-0. <https://doi.org/10.7476/9788564905610.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

MUNDO DA VIDA: PRÁXIS E PERCEPÇÃO

Do ponto de vista de um humano atual, o mundo da vida sem tecnologia pode ser no máximo uma projeção imaginativa. Ainda que qualquer análise de tal mundo ou mesmo da diferença entre os mundos tecnológicos e não tecnológicos deva começar de tal modo que as tecnologias possam tomar seu lugar próprio no mundo. As dificuldades de não prejudicar o caso em qualquer direção não são sem precedentes nas tradições filosóficas que adotei: a fenomenologia e a hermenêutica. Antes de me voltar aos meus próprios exemplos, olharei brevemente para três análises prototípicas no âmbito desta tradição: o martelo, de Heidegger; o Galileu, de Husserl; e a pena, de Merleau-Ponty.

A. O Martelo de Heidegger

Martin Heidegger certamente é conhecido como um dos filósofos mais importantes da tecnologia. Já em *Ser e Tempo* (1927), existem análises prototípicas da experiência tecnológica e suas implicações. *Ser e Tempo* de fato precede a *Crise* (1936), de Husserl, e como uma resposta e crítica ao seu antigo colega de trabalho, ele também ajuda a provocar uma virada em sua ênfase tardia acerca da noção de mundo da vida.

O que estava em jogo era a diferença entre as orientações epistemológicas e praxiológicas para a filosofia. Um modo de caracterizar o debate era comparar

as formas como os humanos conhecem ou interagem com os objetos do conhecimento à sua interação com os objetos em uso ou equipamentos. Heidegger considerava que estes últimos estão mais próximos de nossa experiência comum e também que essas experiências são mais básicas, com formas especificamente tematizadas do conhecimento de objetos derivadas da primeira. “O tipo de operação que está mais próxima de nós, como temos demonstrado, não é uma estrita cognição perceptiva que manipula coisas e as coloca em uso; e isto tem o seu próprio tipo de ‘conhecimento.’”¹ Foi para este tipo de conhecimento que o famoso exemplo do martelo foi concebido. A análise foi sobre um martelo de um exemplo de uma oficina tipicamente heideggeriana, muito provavelmente tomada a partir do contexto de um sapateiro. A análise era para ser uma profunda fenomenologia das ações em que ocorrem o ato de martelar em tal oficina. As variantes primárias do exemplo podem ser denominadas o uso normal, o sapateiro ou o marceneiro usando o martelo para colocar pregos em contraste com uma situação anormal em que o martelo acaba sendo quebrado ou está ausente. Dentre estas duas variáveis, Heidegger desenvolve suas operações fenomenológicas. Nesta análise, Heidegger desenvolve sua própria versão da fenomenologia, moldada para a ênfase pragmática. Tomando ferramentas ou equipamentos como coisas básicas encontradas no ambiente circundante, ele aplicou o que já vimos como sendo as características de forma da fenomenologia: primeiro, todos os objetos (neste caso objetos em uso também) são relativos a um contexto. Não existem objetos em si mesmos. Num contexto de objeto em uso, “tomado estritamente, *um* instrumento nunca ‘é’. O instrumento só pode ser o que é num todo instrumental que sempre pertence a seu ser.”² Este campo em que uma ferramenta é o que pode ser é um campo complexo permeado com “envolvimentos” ou relações transversais; segundo, estas relações transversais possuem o que pode ser chamado de uma “intencionalidade” instrumental, ou referência, definida pelo projeto de trabalho. Instrumentos são “algo para _____. Na estrutura ‘ser para’, acha-se uma atribuição ou referência de algo para algo.”³

Mesmo o simples exemplo de um martelo contempla estas descrições: o marceneiro toma o martelo com o avental cheio de pregos, talvez um pouco de telhas, e atravessa os pregos nelas em um telhado. Aqui o envolvimento do

1 Martin Heidegger, *Being and Time*, trans. John Macquarrie and Edward Robinson. New York: Harper and Row, 1962, p. 95.

2 Ibid, p. 97.

3 Ibid., p. 97.

martelo com os pregos, as telhas e o telhado junto a um projeto é suficientemente evidente. E a referência focal também é aparente.

Mas em tais contextos práticos, uma terceira característica complica a análise, porque ocorre a peculiaridade no que diz respeito ao usuário. A ferramenta ou o equipamento em uso se torna o *meio*, não o objeto, da experiência. “O que está imediatamente à mão se caracteriza por recolher-se em sua manualidade para, justamente assim, ficar à mão”.⁴ Este afastamento da tecnologia do âmbito das experiências diretas é o que depois eu denominarei uma relação de incorporação [*embodiment relation*].

Mesmo se objetos de conhecimento estivessem “simplesmente ali” para inspeção, em contraste à indirecionabilidade dos objetos em uso, a questão de como fazer as situações de uso visíveis deveriam permanecer um problema. A tentativa de Heidegger para fazer isto se dá por um giro “negativo” (como eu denominei) junto à indirecionabilidade. O campo completo de envolvimento e a referencialidade do contexto de uso pode ser mostrado através da quebra, do mau funcionamento ou da ausência de uma ferramenta.

Na ocupação, o ente que está mais imediatamente à mão pode ser encontrado como algo que não é passível de ser empregado ou como algo que não se acha em condições de cumprir seu emprego específico. A ferramenta se apresenta danificada, o material inadequado. Em todo o caso, um instrumento está aqui à mão. Mas o que a impossibilidade do emprego descobre não é a constatação visual de propriedades e sim a circunvisão do modo de lidar no uso. Nessa descoberta da impossibilidade de emprego, o instrumento surpreende.⁵

Eu não examinarei todas as sutilezas da análise de Heidegger aqui, mas vou destacar duas características de sua análise, as quais retomarei depois como peculiaridades seletivas. Primeiro, Heidegger é bastante apontado por seus críticos por sua escolha por exemplos comuns a uma oficina. Seus exemplos positivos de tecnologia frequentemente são itens simples, tais como um martelo, neste caso, ou, depois, o farol de um automóvel. Similarmente, no reino dos artigos avaliados positivamente, podem-se encontrar os sapatos de um camponês, moinhos de vento ou templos gregos, enquanto que usinas hidroelétricas no Rio Reno recebem caracterizações negativas. Mais interessante, no entanto, é a derivação igualmente da objetividade e do conhecimento objetivo de certos aspectos do uso de objetos por meio de giros indiretos ou negativos. Depois eu

⁴ Ibid. p. 99.

⁵ Ibid., p. 102.

devo apontar para aquilo que eu penso ser o resultado dessa coloração implícita das relações humano-tecnologia.

Essa advertência não pretende de forma algum demonstrar que a análise de Heidegger é incorreta. Que num contexto de envolvimento relacionados a alguma tecnologia pode ser demonstrado por avarias ou mau funcionamento parece realmente claro. De fato, na primeira grave escassez mundial de combustíveis fósseis, a crise da gasolina de 1973, o conjunto de envolvimento dos automóveis em uma rede muito vasta e complexa de envolvimento industriais tornou-se igualmente óbvio e assustador. Isso até estimulou algumas reflexões mais sérias sobre a necessidade por fontes de energia alternativa e motivou algumas práticas de conservação em certa medida. No entanto, vou contra-argumentar que tal giro não é a única forma de fazer um determinado contexto ficar aparente.

Retornando à análise, uma razão pela qual o fenômeno de objetos em uso e seus tipos particulares de “conhecimento” podem ser negligenciados, de acordo com Heidegger, é precisamente porque durante o emprego de tais tecnologias o usuário é “absorvido”. “O próprio Dasein, no âmbito de seu empenho ocupacional com o instrumento manual, não possui uma possibilidade ontológica em que, de certo modo, a mundanidade se lhe evidencia *junto com* o ente intramundano da ocupação?”⁶ É esta absorção e a consequente retirada do equipamento em uso, acredita Heidegger, que justifica a rota indireta que ele toma.

Se fôssemos deixar repousar por si mesmos os *insights* a respeito de nossa absorção em projetos de trabalho e a retirada simultânea da ferramenta vivenciada, as implicações mais amplas de tais relações acionais poderiam ser desperdiçadas. Em última instância, Heidegger argumenta, ainda nos tempos de *Ser e Tempo*, que o “conhecimento” prático implica questões concernentes à tecnologia para uma interpretação da natureza em si.

A obra no horizonte de sua ocupação não é manuseada somente no mundo doméstico da oficina mas também no *mundo público*. Com ele, descobre-se a *natureza do mundo circundante* que, então, se torna acessível a qualquer um. Nos caminhos, ruas, pontes e edifícios, a ocupação descobre a natureza em determinada direção. Uma plataforma coberta leva em conta as intempéries do tempo, as instalações de iluminação pública levam em conta a escuridão. [...] Num relógio, leva-se sempre em conta determinada constelação do sistema cósmico.

⁶ Ibid., p. 102.

[...] No uso do instrumento relógio, manuseado discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está à mão.⁷

Em suma, implícita em tais contextos tecnológicos está a visão de mundo que Heidegger argumentara depois que acabou por recair no ponto de vista de que o mundo – como um todo – é entendido como um “bem de consumo” para o uso humano.

Isto é dizer também que tais usos “revelam” o mundo. Aqui, bem antes da definição de Kuhn sobre as revoluções científicas como visões de mundo, Heidegger defendeu que tecnologias implicam uma forma de visão de mundo:

Pertence à essência da função de descoberta de cada empenho ocupacional no mundo imediato das obras a possibilidade de descobrir, segundo cada modo de empenho, o ente intramundano evocado na obra. Isso significa: descobri-lo nas referências constitutivas da obra, em vários graus de explicitação e em diferentes envergaduras de aprofundamento de circunvisão.⁸

Assim, no exemplo do martelo encontra-se, potencialmente, a plena entrada a uma filosofia da tecnologia.

B. O Galileu de Husserl

Nove anos depois de *Ser e Tempo*, a *Crise* de Edmund Husserl foi publicado. Neste trabalho o conceito de mundo da vida, complementado com uma ênfase revisada sobre a práxis e a percepção, emergiu. Em “A Origem da Geometria” eu já enfatizei que este Husserl “tardio” voltou-se a um tipo de exemplo mobiliário derivando a ciência da geometria a partir de atividades mais mundanas, tais como mensurações.

Mesmo que não saibamos quase nada sobre o mundo histórico circundante dos primeiros geômetras, uma coisa é certa, como uma estrutura essencial invariável que era um mundo de “coisas” incluindo os próprios seres humanos como sujeitos deste mundo; que todas as coisas necessariamente deveriam possuir um aspecto corpóreo. [...] Além disso, é claro que na vida das necessidades práticas, certas

⁷ Ibid., p. 101

⁸ Ibid., p. 101

particularizações de forma se destacaram e que uma práxis técnica sempre voltada para a produção de formas escolhidas particulares e para a melhoria deles de acordo com certas direções de gradualidade.⁹

Posicionar a origem da geometria a partir de práticas diárias parece ter sido um tipo de concessão à ênfase heideggeriana inicial à práxis, mas esta concessão permaneceu apenas parcial e resultou num conjunto diferente de problemas para a versão husserliana de mundo da vida. Primeiramente, o mundo da vida foi claramente concebido por Husserl para ser um extrato mais básico (fundacional) do Mundo e também mais amplo em seu escopo. Qualquer “mundo” secundário ou especializado, como aquele de qualquer ciência, deve de alguma forma referir-se a este mundo básico. Isto também se aplica a esta derivação de geometria:

A metodologia geométrica de operativamente determinar algumas, e finalmente, todas as formas ideais... volta-se para a metodologia da determinação por topografia e medição em geral, praticando primeiro primitivamente e, em seguida, como uma arte no pré-científico e intuitivamente dado mundo circundante.¹⁰

A versão de Husserl da práxis neste mundo cultural amplo claramente não foi do tipo accional à moda heideggeriana. Ela foi, antes, o material intuitivo, corpóreo e perceptivo, mundo dos objetos. “No mundo circundante intuitivamente dado... nós vivenciamos ‘corpos’ não na forma de um corpo geometricamente-ideal, mas precisamente aqueles corpos que de fato podemos vivenciar, com o conteúdo que é o conteúdo atual da experiência.”¹¹ O que é pré-científico ainda está imerso em uma caracterização como corpos materiais percebidos. As ciências formais e abstratas, tais como a geometria, portanto, devem afastar-se dessa materialidade para tornar-se o que elas são. Husserl viu isso como um processo de aperfeiçoamento: “Fora da práxis de aperfeiçoamento, de pressionar livremente na direção de horizontes de aperfeiçoamento concebíveis ‘uma e outra vez’, formas-limite emergem na direção em que a séria particular de aperfeiçoamentos tende.”¹²

Esta é a introdução, no início de uma bifurcação entre o mundo da vida pré-científico e o “mundo” científico. Esta bifurcação fará com que o processo

9 HUSSERL, 1970, p. 375.

10 Ibid., p. 27.

11 Ibid., p. 25.

12 Ibid., p. 26.

de aquisição cultural torne-se difícil para Husserl. A questão vem à tona na crítica de Husserl a Galileu, o introdutor de uma geometria matematizada na ciência inicial.

O Galileu de Husserl pode ser caracterizado a partir de um legado e de sua permanência em duas dimensões de mundo. Por um lado, ele vive, como todos vivem, no mundo da percepção em suas significações pré-científicas, dentre “corpos” incluindo o seu próprio corpo. Por outro lado, Galileu herda uma práxis especial de pensamento geométrico culturalmente adquirida, que ele direciona para um novo uso em sua física. Todo o movimento está, doravante, para ser matematizado e pensado de forma abstrata, distinta das qualidades sensoriais que pertencem aos próprios corpos que estão em movimento e que ainda pertencem em certo sentido ao mundo da vida pré-científico.

O problema orbita em torno da percepção sensorial. Formas, já devidamente subsumidas na geometria antiga, são apenas uma parte do mundo sensorial. Além disso, há aquilo que Husserl chama de qualidades sensoriais plenas (cores, por exemplo). Estas não são facilmente compreendidas sob a práxis geométrica.

A dificuldade aqui repousa no fato de que o material pleno, as qualidades de sentidos específicas que concretamente preenchem o espaço-temporal e formas-aspectos do mundo dos corpos *não podem*, em suas próprias gradações, serem *diretamente* tratadas tais como são as formas em si mesmas.¹³

Assim, alguns meios devem ser criados para explicar essas qualidades plenas ou então é preciso perceber que o método geométrico é apenas uma práxis especial e limitada relacionada a um aspecto do mundo. A invenção de Galileu, Husserl afirma, é o desenvolvimento de um meio indireto de matematizar o pleno. Galileu deve encontrar um meio de *traduzir* os fenômenos plenos em fenômenos espaciais, a fim de se tornarem disponíveis para a análise geométrica. E é isso que ele faz.

Conceitualmente, este movimento, bem conhecido tanto em Galileu quanto em Descartes, é uma das primeiras formas de negar aos objetos suas qualidades plenas numa doutrina de qualidades primárias e secundárias. Grosso modo, o objeto em si é puramente uma entidade geométrica, uma *res extensa*; suas qualidades plenas não são localizadas no *objeto*, mas no *sujeito*. Cores são

¹³ Ibid., p. 33.

“subjetivas”. Mas agora, desde que nós vemos a coisa igualmente como sendo extensa e colorida, deve haver alguma maneira de subsumir a cor na análise geométrica. E é aqui que a geometrização *indireta* começa a tomar forma. Deve haver algum índice de regularidade que, mesmo que não diretamente espacial, possa ser relacionado a alguma mensuração “espacial” *direta* ou por meio de um processo de *tradução*.

Agora no que diz respeito à matematização “indireta” deste aspecto do mundo que em si mesmo não é uma forma-de-mundo matematizável: tal matematização é concebível apenas no sentido de que as qualidades sensíveis específicas (“pleno”) que podem ser vivenciados nos corpos intuídos estão intimamente relacionados em um tipo peculiar e *regulamentado* com as formas que essencialmente pertencem a ele.¹⁴

Nesta perspectiva, não ainda intuitiva, Galileu dramaticamente pavimentou o caminho para a física moderna, que, pensando bem, hoje, raramente são dadas com o procedimento:

O que nós experimentamos na vida pré-científica como cores, calor e peso pertencentes às coisas em si mesmas e casualmente vivenciadas como radiação de um corpo de calor que torna corpos adjacentes quentes, e como indica, é claro, em termos da física, tons-vibrações, calor-vibrações, i.e., *eventos puros no mundo das formas*.¹⁵

Muito disso é dado como certo de forma que alunos da graduação podem até mesmo dizer que “enxergam” comprimentos de onda.

Isso quer dizer que uma vez posto em forma de uma visão de mundo, a perspectiva de Galileu torna-se um tipo de macropercepção que pode ser tomada como certa com as possíveis modificações. E é precisamente aqui que a ambiguidade em Husserl atinge o seu próprio ápice. Porque *se* os novos meios de compreender os fenômenos tornam-se aquisições culturais genuínas, como a investigação sobre as origens por meio de uma práxis torna-se transparente, eles negligenciam o contraste com o mundo da vida fundamental.

Mas agora nós devemos notar algo da maior importância que ocorreu mesmo tão cedo quanto em Galileu: a substituição sub-reptícia

¹⁴ Ibid., p. 35.

¹⁵ Ibid., p. 36; itálicos meus.

do mundo matematicamente subestruturado de idealidades para o único mundo real, o que é realmente dado através da percepção, que é sempre vivenciado e experimentável em nosso mundo da vida cotidiano. Esta substituição foi prontamente passada a frente para seus sucessores, os físicos de todos os séculos seguintes.¹⁶

Parece que Husserl está dizendo que em sua base o mundo da vida é e deve ser o mundo sensorial, baseado nas relações entre as ações humanas e o mundo concreto e material das coisas e seres corpóreos. E estes são intuitivamente e perceptivamente disponíveis para todos. Em seguida, um segundo tipo de “intuicionabilidade” também ocorre como na exemplificada revolução de Galileu, aquele em que certas combinações de perspectivas praxiológicas alcançadas podem tornar possível outra realização intuicionável, uma aquisição cultural como a ciência.

Tal aquisição, no entanto, também é ambígua, porque o que é adquirido pelos próprios meios da matematização, Husserl argumenta, perde um sentido essencial de concretude por negligenciar o mundo da vida fundamental.

Galileu, o descobridor... da física, ou da natureza física, é ao mesmo tempo uma descoberta e um gênio da dissimulação. Ele descobre a natureza matemática, a ideia metódica, ele abre caminho para o número infinito de descobertas e descobridores da física. [Mas] imediatamente e em seguida a Galileu, começa a substituição sub-reptícia da natureza idealizada pela natureza intuída pré-cientificamente.¹⁷

A aquisição de um novo paradigma esconde o fundamento da dimensão ordinária do mundo da vida.

O Galileu de Husserl, assim, é apanhado entre um pré-científico, mas perceptível mundo da vida e um científico, mas imperceptível mundo de idealidades.

Eu já sugeri que esta anomalia é, a meu ver, causada pela própria reconstrução da origem da ciência de Husserl. Ao fazer do mundo material-sensorial tanto pré-científico e fundacional por um lado, e esvaziando o mundo científico da percepção e da práxis como um “derivado”, embora especial, “mundo” por outro lado, Husserl perde a inter-relação entre o que eu estou denominando de micro e macropерcepção.

¹⁶ Ibid., p. 49.

¹⁷ Ibid., p. 50, 52.

Tal Galileu não é exclusivo de Husserl, ele é o Galileu da maioria das interpretações que privilegiam uma versão da teoria sobre a práxis. Ele é um Galileu imerso num raciocínio hipotético-dedutivo da visão dominante. É claro que ele também é o Galileu experimental, embora Husserl ignore os elementos praxiológicos desta prática. Este ponto de vista da ciência concentra-se sobre o que e como a ciência “pensa” em vez de sobre o que a ciência “faz”.

Ciência e seu modo de ver é agora parte do nosso mundo macroperceptivo. É uma aquisição cultural que situa a estrita percepção corporal que nós retemos, mas que sobrepõe ou não se sobrepõe com o que deve ser, para nós, um mundo pré-científico perdido. O que está igualmente ausente a partir desta análise é a práxis atual da ciência moderna que, desde o seu começo, assenta sua concretização em tecnologias, em instrumentalização. Através dos instrumentos, a ciência em sua forma moderna nunca perde suas percepções. Considerando que Heidegger implicitamente começa a filosofia da tecnologia em relação a estas análises, Husserl ainda não abre a porta para tal filosofia. Nós temos que voltar novamente para Galileu.

C. A Pena de Merleau-Ponty

A terceira análise prototípica nesta tradição vem da obra de Maurice Merleau-Ponty. Seu livro *Fenomenologia da Percepção* (1945) tem a vantagem de ter igualmente Husserl e Heidegger como predecessores. Há um sentido em que Merleau-Ponty se tornou o esteticista perceptual da fenomenologia. Aqui se encontra uma riqueza descritiva muito mais sutil do que qualquer oficina heideggeriana ou mobiliário polido husserliano. Observe o seguinte:

Uma roda de madeira posta no chão não é, *para a visão*, aquilo que é um corpo em que forças contrárias se equilibram. [...] A visão já é habitada por um sentido que lhe dá uma função no espetáculo do mundo, assim como em nossa existência. [...] O problema é compreender estas relações singulares que se tecem entre as partes da paisagem ou entre a paisagem e mim enquanto sujeito incarnado. [...] O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. E a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebem devem sua espessura.¹⁸

18 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of Perception*, trans Colin Smith. New York: The Humanities Press, 1962, p.52-53.

Surge a pergunta: esta é uma vaidade estética ou ela exhibe a base da consciência pós-moderna de uma percepção suficientemente sutil igualmente para a ciência e para as sensibilidades artísticas? Pois o que está finalmente superado aqui são as bases da ciência cartesiana e as sensações mais estritas da psicologia empirista.

O que Merleau-Ponty acrescenta a este processo de análise prototípica é a correlação estritamente fenomenológica entre o corpo “vivido” e o mundo percebido. A percepção do mundo da vida é a percepção que, microperceptivamente, sempre implica o corpo em ação:

O que importa para a orientação do espetáculo não é meu corpo tal como de fato ele é, enquanto coisa no espaço objetivo, mas meu corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo “lugar” fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação. Meu corpo está ali onde ele tem algo a fazer.¹⁹

A existência corporal é acional, é orientada. E está correlacionada com um mundo circundante aberto à ação:

Não é preciso perguntar-se por que o ser é orientado, por que a existencial é espacial [...] a coexistência do corpo com o mundo polariza a experiência e faz surgir uma direção. A questão só poderia ser posta se esses fatos fossem acidentes que adviriam a um sujeito e a um objeto indiferentes ao espaço. A experiência nos mostra, ao contrário, que eles estão pressupostos em nosso encontro primordial com o ser, e que ser é sinônimo de ser situado.²⁰

A micropercepção de Merleau-Ponty é sempre uma percepção cinestésica:

Meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam.²¹

E é fora desta sensibilidade para uma correlação corpo-mundo que Merleau-Ponty antecipa um papel diferente para as tecnologias no domínio da percepção

19 Ibid., p. 252

20 Ibid., p. 252.

21 Ibid., p. 250.

e da práxis. O corpo vivido ou virtual sendo uma espacialidade corporal vivenciada pode ser “expandida” por meio de artefatos:

Uma mulher mantém sem cálculo um intervalo seguro entre a pena de seu chapéu e os objetos que poderiam estraga-la, ela sente onde está a pena assim como nós senti os onde está nossa mão. Se eu tenho o hábito de dirigir um carro, eu o coloco em uma rua e vejo que “posso parar” sem comparar a largura da rua com a dos para-choques, assim como transponho uma porta sem comparar a largura da porta com a de meu corpo.²²

Aqui, novamente, naquilo que eu denominarei relação de incorporação, Merleau-Ponty aponta que a percepção pode ser materialmente expandida através do “corpo” de um artefato. A extensão da percepção não é limitada pelo contorno do meu corpo ou pela superfície da minha pele. A descrição torna-se mais precisa no exemplo da “bengala do cego”:

A bengala do cego deixou de ser para ele um objeto, ela não mais é percebida por si mesma, sua extremidade transformou-se em zona sensível, ela aumenta a amplitude e o raio de ação do tocar, tornou-se o análogo de um olhar. Na exploração dos objetos, o comprimento da bengala não intervém expressamente e como meio-termo: o cego o conhece pela posição dos objetos, antes que a posição dos objetos por ele. A posição dos objetos está imediatamente dada pela amplitude do gesto que a alcança e no qual está compreendido, além da potência de extensão do braço, o raio de ação da bengala.²³

Aqui se encontra a base para a percepção à distância, mediada por um artefato, uma tecnologia; e aqui jaz latente a fenomenologia da instrumentalização. Pode-se notar que esta análise complementa Heidegger. No exemplo do martelo, a ferramenta se “distancia”; na pena ou na bengala de Merleau-Ponty, entretanto, o artefato é uma parte do mundo alcançado por meio deste afastamento.

Um segundo aspecto que se encaixa no refinado esquema perceptivo de Merleau-Ponty é a inter-relação entre a percepção sensorial e o seu papel para a cultura. Em seu trabalho tardio *O Visível e o Invisível* (1961), ele explicitamente fala sobre a cultura “vivenciada”:

²² Ibid., p. 143.

²³ Ibid., p. 143.

É um fato notável que o desinstruído não tem consciência de perspectiva e que demorou muito tempo e muita reflexão para que os homens se tornassem conscientes da deformação perspectiva dos objetos... Eu digo que a perspectiva renascentista é um fato cultural, que a própria percepção é polimórfica, e se ela se tornou euclidiana, isto é porque ele se permite ser orientado pelo sistema... O que eu afirmo é que: existe um informante da percepção pela cultura que nos permite dizer que a cultura é percebida.²⁴

Relativo a esta observação de duas diferentes interpretações de ciência por Heidegger e Husserl, pode-se notar que a ciência para Merleau-Ponty poderia ser tal como uma cultura percebida. Aqui está um tipo de macropерcepção que informa ou orienta a percepção corpórea em si mesma.

Estas três fenomenologias apontam de maneira distinta em direção à fenomenologia das relações humano-tecnologia. Não se buscou enquadrar estas análises em seu cenário histórico em uma filosofia da tecnologia, mas cada uma aponta para elementos que se tornam cruciais. E enquanto todas as fenomenologias são voltadas à “percepção”, a versão da fenomenologia que eu devo esboçar aqui deriva de, mas também se difere de, daquelas de meus reconhecidos tutores. O que resta para o primeiro programa, a fenomenologia das relações humano-tecnologia, é reinserir o papel das tecnologias em todas as dimensões do mundo da vida.

24 MERLEAU-PONTY, Maurice. *The Visible and the Invisible*, trad. Alphonso Lingis. Evanston: Northwestern University Press, 1968, p. 212.